



NEWS Notícias sem rodeios

Segunda-Feira, 29 de Dezembro de 2025

Brigitte Bardot, estrela mundial do cinema, morre aos 91 anos no sul da França

SÍMBOLO DA BELEZA

g1

Brigitte Bardot, atriz francesa ícone do cinema e ativista dos direitos dos animais, morreu neste domingo (28) aos 91 anos, em sua casa, em Saint-Tropez, no sul da França.

A informação foi confirmada pela Fundação Brigitte Bardot, que era presidida pela atriz. A causa da morte não foi divulgada.

A artista foi hospitalizada em outubro deste ano em Toulon para passar por uma cirurgia, mas teve alta no mesmo mês.

Nascida em 28 de setembro de 1934, em Paris, ela se tornou, ainda jovem, uma das figuras mais reconhecidas do cinema mundial.

Seu papel em "E Deus Criou a Mulher" (1956), dirigido por seu então marido Roger Vadim, a consagrou como um símbolo de sensualidade e liberdade que ajudou a moldar a cultura pop da década de 1960.

No longa-metragem, a atriz dança mambo descalça e com o cabelo solto sobre uma mesa, com a saia aberta até a cintura, cena que provocou escândalo na época.

Ao longo de sua carreira, Bardot estrelou cerca de 50 filmes e também teve atuação como cantora e modelo, tornando-se uma das artistas mais fotografadas e comentadas de sua geração.

Nos anos 1960, consolidou seu prestígio artístico com atuações em dois clássicos: "A Verdade" (1960), de Henri-Georges Clouzot, e "O Desprezo" (1963), de Jean-Luc Godard.

Também participou de produções como "Viva Maria!" (1965), de Louis Malle, ao lado de Jeanne Moreau, "O Repouso do Guerreiro" (1964), novamente com Vadim, e "As Petroleiras" (1971), em que contracenou com Claudia Cardinale.

Bardot nasceu em uma família rica e teve uma formação artística precoce. Aos 13 anos, iniciou os estudos de balé clássico e, aos 15, passou a trabalhar como modelo — trajetória que abriu caminho para sua entrada no cinema.

Irreverência, música e ativismo

A persona pública de Brigitte Bardot extrapolava a arte.

Desde cedo, ela chamou atenção por desafiar convenções sociais: apareceu de biquíni no Festival de Cannes em 1953 e, anos depois, provocou ao comparecer ao Palácio do Eliseu usando calças, em um período em que mulheres eram esperadas em saias ou vestidos em eventos oficiais.

A atriz teve quatro maridos: Roger Vadim, Jacques Charrier, o milionário Gunter Sachs e o industrial Bernard d'Ormale, seu companheiro até os últimos dias.

Ela também se envolveu com atores como Jean-Louis Trintignant e Sami Frey; músicos como Gilbert Bécaud, Serge Gainsbourg e Sacha Distel.

Essa sucessão de relacionamentos, vivida sem discrição e sem pedido de desculpas, contribuiu para que Bardot fosse vista como símbolo de autonomia feminina em plena revolução sexual.

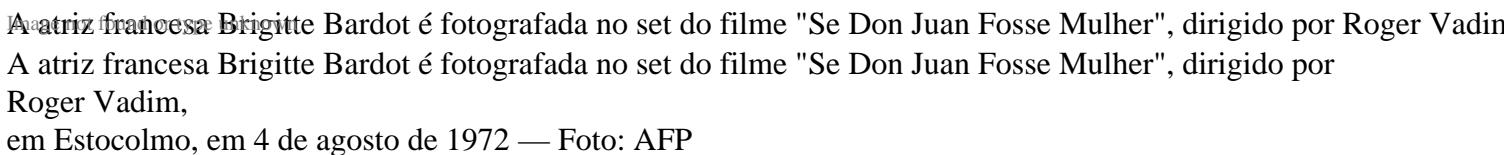
A pensadora feminista Simone de Beauvoir resumiu o incômodo que ela provocava: "Ela faz o que lhe agrada, e é isso que perturba".

Em 1967, Bardot iniciou uma carreira paralela como cantora, com relativo sucesso. Em parceria com Serge Gainsbourg, gravou músicas que se tornaram populares na França, como "Harley Davidson" e "Bonnie and Clyde".

Bardot se afastou das telas ainda em 1973, aos 38 anos, para dedicar sua vida à causa animal. Fundou a Fundação Brigitte Bardot, que passou a ser referência internacional na luta contra a crueldade e exploração de animais, mobilizando recursos e campanhas em diversos países.

"Tenho muito orgulho da primeira parte da minha vida, que foi um sucesso e que agora me permite ter uma fama mundial, que me ajuda muito na proteção dos animais", declarou a artista, em 2024, à agência de notícias France Presse.

Ao ser questionada em outra ocasião sobre que atriz poderia interpretá-la em um filme, foi direta: "Nenhuma. Não há uma capaz de fazê-lo". E acrescentou: "O que falta? Minha personalidade".

A atriz francesa Brigitte Bardot é fotografada no set do filme "Se Don Juan Fosse Mulher", dirigido por Roger Vadim, em Estocolmo, em 4 de agosto de 1972 — Foto: AFP

Vida pessoal sob os holofotes

Sua vida pessoal foi intensamente acompanhada pela imprensa e se tornou parte central de sua imagem pública.

Perseguida por centenas de fotógrafos, Bardot perdeu a totalmente a sua privacidade, inclusive durante o parto de seu filho, em 1960.

"A histeria que me cercava era uma loucura. A sala de parto instalada na minha casa, os fotógrafos atrás das janelas, os que se disfarçavam de médicos", contou anos depois.

"Associei o nascimento do meu filho a esse trauma", confessou, ao falar sobre a relação com seu único filho, Nicolas, criado pelo pai, o ator Jacques Charrier.

Declarações polêmicas



Entre 1997 e 2008, Brigitte Bardot foi multada seis vezes pela Justiça francesa por causa de seus comentários, especialmente os dirigidos à comunidade muçulmana da França. — Foto: Remy de la Mauviniere/AP

Declarações públicas de Bardot sobre imigração, islamismo e homossexualidade a levaram a uma série de condenações por incitação ao ódio racial.

Entre 1997 e 2008, ela foi multada seis vezes pela Justiça francesa por causa de seus comentários, especialmente os dirigidos à comunidade muçulmana da França, destacou a agência de notícias Reuters.

Em um dos casos, um tribunal de Paris a condenou a pagar uma multa de 15 mil euros por descrever os muçulmanos como “essa população que está nos destruindo, destruindo o nosso país ao impor seus costumes”.

Em 1992, ela se casou com Bernard d'Ormale, ex-conselheiro da legenda de extrema direita Frente Nacional, e mais tarde passou a apoiar publicamente os sucessivos líderes do partido, Jean-Marie Le Pen e sua filha, Marine Le Pen. Bardot chamou esta última de “a Joana d'Arc do século 21”.

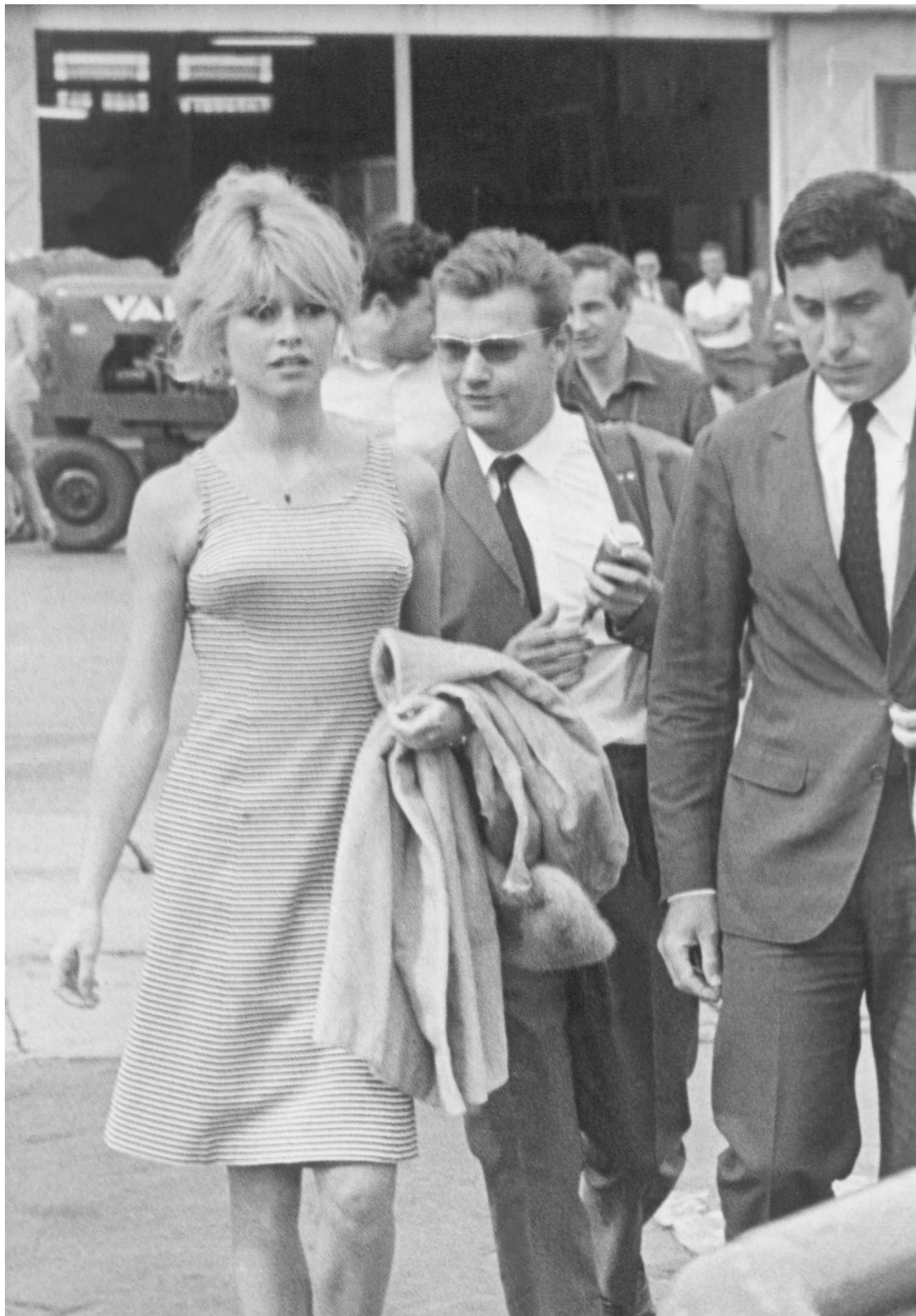
Questionada pelo canal francês BFM TV, em maio de 2025, se se considerava um símbolo da revolução sexual, ela respondeu:

“Não, porque antes de mim muitas coisas ousadas já tinham acontecido — não esperaram por mim. O feminismo não é a minha praia; eu gosto de homens.”

Na mesma entrevista, ela foi perguntada sobre com que frequência refletia sobre sua carreira no cinema.

“Eu não penso nisso”, disse, “mas também não rejeito, porque é graças a ela que sou conhecida no mundo inteiro como alguém que defende os animais.”

Paixão pelo Brasil



Brigitte Bardot durante visita ao Brasil em 1964 — Foto: Estadão Conteúdo/Arquivo

Em 1964, Brigitte Bardot passou uma temporada no Brasil em busca de anonimato. Após desembarcar no Rio de Janeiro e negociar com a imprensa alguns dias de tranquilidade, seguiu para Armação dos Búzios, então um vilarejo de pescadores sem infraestrutura.

Encantada com o isolamento, permaneceu no local por cerca de três meses e retornou no fim do mesmo ano.

Décadas depois, a atriz descreveu a experiência como um período de vida simples, longe dos holofotes. Sua passagem por Búzios teve impacto duradouro: o local ganhou projeção internacional e se transformou em destino turístico.

Em sua homenagem, a cidade criou a Orla Bardot e instalou uma estátua da atriz, que se tornou ponto turístico. Apesar disso, Bardot lamentava as transformações do balneário ao longo dos anos.



Brigitte Bardot durante visita ao Brasil em 1964 — Foto: Estadão Conteúdo/Arquivo



Brigitte Bardot marcou era no cinema mundial e se tornou um símbolo de beleza — Foto: AP Photo/File